

# Técnica e Ciência: o esquecimento da totalidade – Discretas concordâncias entre Walter Benjamin e Theodor Adorno.

Mateus Gonçalves Medeiros <sup>1</sup>

## Resumo

As diferenças entre o pensamento de Walter Benjamin e o de Theodor Adorno são hoje claramente evidenciadas como amplas. Seus textos, suas correspondências, particularmente a discussão sobre o desenvolvimento do escrito sobre Baudelaire, deixam claras suas divergências. Cada um parte de um alicerce diferente para um problema mais amplo: o perigo da técnica se autonomizar dos outros saberes para tornar-se guia de todos os conhecimentos restantes. Ambos os autores, apesar de suas diferenças, viveram um momento de crescimento de ideologias fascistóides (sejam elas germinadas no nazismo, no comunismo, ou no capitalismo) sempre tendentes a atribuir à técnica um caráter de suprema importância, elevando a máxima baconiana de que saber é poder ao ponto mais alto. Se podemos encontrar na reflexão sobre a verdade um fundamento em que se ampara Benjamin nessa reflexão, Adorno retorna ao mito para explicar a gênese de um modo de pensar instrumental que perdura na humanidade.

Palavras-chave: Walter Benjamin – Theodor Adorno – técnica – ciência

## ***Technics and Science: the oblivion of the whole - Brief concordance between Walter Benjamin and Theodor Adorno.***

### *Abstract*

*The differences between the thinking of Walter Benjamin and of Theodor Adorno have been seen, besides their proximity, as clearly evidenced. Their works, their correspondence between each other (particularly the discussion on the development of Benjamin's work about Baudelaire) make clear their differences. Each one starts from a different foundation for a broader problem: the danger of technics becomes the guide of all other kinds of knowledge. Both authors, despite their differences, have lived a moment in which fascist ideologies had developed (in nazism, communism, or capitalism), always intending to assign to the technical character a supreme importance, raising to the maximum level the baconian statement: "knowledge is power". If Benjamin finds in the search of the concept of Truth the foundation that*

---

<sup>1</sup> Mateus Gonçalves Medeiros é Mestre em Filosofia e atualmente Doutorando da USP na área da Estética.

*sustains his critique of the technical knowledge, Adorno returns to myth to explain the genesis of a way of thinking that still remains in humanity.*

*Keywords: Walter Benjamin – Theodor Adorno – technique – science*

Defende Benjamin que “método, é caminho indireto, é desvio<sup>2</sup>”. O desviar nessa metodologia nos remete a uma quebra na continuidade. É preciso desviar-se dos dogmas, coágulos da autoridade, da pretensão dos sistemas universais, enfim, de celebrada parcela da tradição do pensar. O desvio (*Umweg*) está na mudança de como essa fatia da tradição pensou o conhecimento. Está também na mudança de postura com relação ao conformismo de um sentido único da marcha “necessária” da humanidade no caminho do progresso. Este progresso da humanidade é amplamente desenvolvido se relacionado ao aumento das potencialidades instrumentais do homem, que amplia o alcance de seus membros possibilitando-lhe percorrer distâncias cada vez maiores em tempo sempre menor, oferecendo-lhe o controle do espaço e do tempo. Entretanto, no que diz respeito ao avanço da melhor convivência entre os seres humanos, esse progresso é questionável. Trata-se aqui da ambiguidade do sistema capitalista<sup>3</sup> apresentada por Marx e retomada por Benjamin na obra das *Passagens*, que é “claramente perceptível, por exemplo, nas máquinas que agravam a exploração em vez de amenizarem o fardo dos homens<sup>4</sup>”.

Uma ciência que não é capaz de pensar além do instrumental, de se perguntar sobre os seus próprios fins, coloca como objetivo prioritário a dominação da natureza. Ademais, uma ciência que acredita fazer parte dessa marcha automática rumo ao progresso técnico termina por valorizar de modo exacerbado um modelo tecnocrático de conhecimento. Acontece assim no conceito de trabalho do social-democrata Josef Dietzgen citado por Walter Benjamin na tese 11 de *Sobre o Conceito da História*:

Josef Dietzgen anunciava: “O trabalho é o Redentor dos tempos modernos... No aperfeiçoamento... do trabalho reside a riqueza, que agora pode realizar o que não foi realizado por nenhum salvador”. Esse conceito de trabalho, típico do marxismo vulgar, não examina a questão de como seus produtos podem beneficiar trabalhadores que deles não dispõem. Seu interesse se dirige apenas

---

<sup>2</sup>BENJAMIN, Walter. *Origem do Drama Barroco Alemão*. Trad. br. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo, Brasiliense, 1984, p. 50.

<sup>3</sup> “Em seu capítulo sobre o caráter fetiche da mercadoria, Marx demonstrou quão ambíguo parece ser o mundo econômico do capitalismo – uma ambigüidade fortemente acentuada pela intensificação da gestão capitalista”. BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Trad. br. Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Morão. Belo Horizonte: Editora UFMG. São Paulo: Imprensa Oficial. 2006, p. 439.

<sup>4</sup>*Ibidem*.

aos progressos na dominação da natureza, e não aos retrocessos na organização da sociedade<sup>5</sup>.

Esse modelo de saber é descrito e discutido também por Theodor Wiesengrund Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer (1895-1973). Em *Dialética do Esclarecimento* (1944), os autores descrevem o itinerário histórico desse tipo de razão instrumentalizada que, acima de tudo, objetiva a dominação da natureza. Segundo eles, a razão, em sua aventura por meio da história, buscou desde o princípio iluminar as trevas do desconhecido. Desde o surgimento do homem como ser auto-consciente, a racionalidade procurou expurgar o seu temor pelo ambiente exterior mediante o controle e a dominação do poder natural. “Do medo o homem presume estar livre quando não há nada mais de desconhecido<sup>6</sup>”. O esclarecimento que buscou desmistificar o mito e explicar a realidade com base no raciocínio lógico foi a alternativa encontrada pelo ser humano às interpretações religiosas e especulações místicas que pouco tinham a ver com o método científico e que construía castelos de areia no espaço abstrato, sem firmes alicerces na matéria. Adorno e Horkheimer escrevem:

No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal. O programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo. Sua meta era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber<sup>7</sup>.

Com a luta empreendida para livrar-se do medo originado pelo poder da natureza, o homem tem buscado com o esclarecimento sua soberania para controlar a rede de incertezas no impacto com o mundo natural. O ônus pela utilização do modelo de pensamento que privilegia a dominação sobre o outro (seja ele natural ou social) e que tem como alvo a terra totalmente esclarecida foi o desencantamento do mundo. Com o mundo desencantado pela fria luz do esclarecimento, o homem investiu na crença da possibilidade de dominar a natureza. A substituição da imaginação pelo saber o auxiliou a perceber a diferença entre o mítico e o real. Mas em compensação, parece ter contribuído para o processo de tecnicização da racionalidade. Na medida em que esta atribui suma importância ao puro procedimento racional, que exclui a multiplicidade de elementos que não se encaixam no método científico exaustivo e sem lacunas, a razão se distancia de importantes problemáticas. Dentre estas, a questão ética, por exemplo, é

---

<sup>5</sup>BENJAMIN, Walter. *Sobre o Conceito da História*. In: *Magia, Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras Escolhidas. Volume 1. Trad. br. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo, Brasiliense, 1985, p. 228.

<sup>6</sup>ADORNO, Theodor W. HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1985, p. 29.

<sup>7</sup>*Ibidem*, p. 19.

posta de lado em discussões onde sua presença seria imprescindível. Assim aconteceu com o processo de objetivação do mundo exterior que, na medida em que o poder humano cresceu dissociado de uma auto-avaliação moral capaz de vislumbrar a si mesmo e ao outro sob o prisma da totalidade, separou homem e natureza como se estes fossem elementos distintos. “O mito converte-se em esclarecimento, e a natureza em mera objetividade<sup>8</sup>”.

A razão que procura apenas a dominação do seu objeto torna-se incapaz de compreendê-lo na sua totalidade. “O preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder é a alienação daquilo sobre o que exercem o poder<sup>9</sup>”. Nesse sentido importa apenas que “o que está lançado contra mim” esteja sob o meu poder. Este é o sentido da existência e da utilidade do objeto para o esclarecimento. Conforme Adorno e Horkheimer:

O esclarecimento comporta-se com as coisas como o ditador se comporta com os homens. Este conhece-os na medida em que pode manipulá-los. O homem de ciência conhece as coisas na medida em que pode fazê-las. É assim que seu em-si torna-se para-ele. Nessa metamorfose, a essência das coisas revela-se como sempre a mesma, como substrato da dominação<sup>10</sup>.

O itinerário seguido pela racionalidade que buscou esclarecer para dominar nos revelou um problema. A insistência na priorização da dominação da natureza desconsiderou a razão como pensar crítico e destacou a racionalidade como instrumento, como técnica incapaz de autocrítica, de auto-reflexão. Com a prevalência da razão instrumental, o pensamento humano não é mais capaz de pensar a si próprio. “Sem a menor consideração consigo mesmo, o esclarecimento eliminou com seu cautério o último resto de sua própria autoconsciência<sup>11</sup>”.

Com o foco do conhecimento voltado para a concretização de seus fins, a saber, o aumento do poder sobre a natureza, esse modelo de saber torna-se mudo para a discussão de seus meios. O esclarecimento fragmenta-se, mas de uma maneira perigosa: não como parte do todo plástico do mosaico do mundo, mas como limitação de sua potência real. Na medida em que o esclarecimento apenas conhece para manipular, ele ignora toda a extensão de sua capacidade, o que ocasiona a má compreensão, a

---

<sup>8</sup>ADORNO, Theodor W. HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1985, p. 24.

<sup>9</sup>*Ibidem*.

<sup>10</sup>*Ibidem*.

<sup>11</sup>*Ibidem*, p. 20.

alienação de seus objetos. O limite imposto pela tecnicização do saber o transforma em mero procedimento<sup>12</sup>.

A potencialidade da razão como o pensamento que se flexiona sobre si mesmo termina comprometida. O pensamento deixa de indagar tanto sobre os elementos que constituem a sua essência quanto sobre os porquês da sua própria existência. Tudo que importa agora é o mero cumprimento de um trabalho mecânico e não criativo que visaria não apenas à dominação da natureza, mas também à dominação do homem pelo homem.

A técnica é a essência desse saber, que não visa conceitos e imagens, nem o prazer do discernimento, mas o método, a utilização do trabalho de outros, o capital. As múltiplas coisas que, segundo Bacon, ele ainda encerra nada mais são do que instrumentos: o rádio, que é a imprensa sublimada; o avião de caça, que é uma artilharia mais eficaz; o controle remoto, que é uma bússola mais confiável. O que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens<sup>13</sup>.

O conhecimento do esclarecimento que privilegia a técnica com o objetivo de alcançar poder para subjugar o outro e o mundo não é capaz de se indagar sobre a própria essência desse saber. Se ele perde a capacidade de autocrítica, entramos no plano do preceito dogmático. Foi dito que o saber possui limitações que o impedem de alcançar o ideal platônico, mas reduzir o saber à esfera do preceito doutrinário imperativo significa construir limites artificiais para a capacidade do conhecimento.

A radicalização da instrumentalização da razão pode alcançar extremos que beiram o absurdo. Como exemplo dessa racionalidade auto-limitante, é possível reenviar a um trecho do livro organizado por Ernst Jünger citado por Walter Benjamin em Teorias do Fascismo Alemão: “a questão de saber em que século se luta, por que idéias e com que armas, desempenha um papel secundário”<sup>14</sup>. Essa citação é modelo

---

<sup>12</sup>“Só o pensamento que se faz violência a si mesmo é suficientemente duro para destruir os mitos. Diante do atual triunfo da mentalidade factual, até mesmo o credo nominalista de Bacon seria suspeito de metafísica e incorreria no veredicto de vacuidade que proferiu contra a escolástica. Poder e conhecimento são sinônimos. Para Bacon, como para Lutero, o estéril prazer que o conhecimento proporciona não passa de uma espécie de lascívia. O que importa não é aquela satisfação que, para os homens, se chama ‘verdade’, mas a ‘operation’, o procedimento eficaz”. ADORNO, Theodor W. HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1985, p. 20.

<sup>13</sup>ADORNO, Theodor W. HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1985, p. 20.

<sup>14</sup>JÜNGER, Ernst. (Org). apud BENJAMIN, Walter. *Teorias do Fascismo Alemão*. In: Magia, Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas. Volume 1. Trad. br. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo, Brasiliense, 1985, p. 62.

perfeito da racionalidade técnica incapaz de indagar sobre si mesma. Ela é o sonho do militar pervertido de alta patente que pretende fazer de seus subordinados meras ferramentas de sua depravação.

O desenvolvimento técnico-científico, apesar de seus avanços em facilitar e apaziguar a existência do homem (ou pelo menos de alguns deles), não apresenta avanços sobre a organização da sociedade. Grande parte de suas tecnologias estão apenas ao alcance de pequena minoria detentora de poder. “O progresso da ciência não é ... de imediato um progresso da humanidade; ele o seria se, com o crescimento dos conteúdos de verdade acumulados, aumentasse igualmente a participação dos seres humanos nestes conhecimentos, e a clara compreensão do que significa para eles o seu conjunto”<sup>15</sup>. Malgrado o avanço particularmente importante da medicina no século XX, por exemplo, enorme parcela da população global ainda não tem acesso ao tratamento médico mais elementar. A outra grande fatia da população mundial que possui acesso à assistência de saúde básica se depara com obstáculos por vezes intransponíveis para obter acesso a tratamentos mais complexos. Como exemplo do atraso social do progresso técnico, Benjamin cita a guerra, “que prova com suas devastações que a realidade social não está madura para transformar a técnica em seu órgão e que a técnica não é suficientemente forte para dominar as forças elementares da sociedade”<sup>16</sup>.

A guerra é amparada pela ciência produtora de tecnologia bélica, que tenta justificar-se pela defesa da soberania de uma nação contra ameaças à sua organização política, social, cultural ou física. O certo é que a ciência não tem, porém, o poder de controlar o uso de suas descobertas científicas. A decisão da utilização de armas nucleares, para citarmos um exemplo, cabe a outros indivíduos que não os pesquisadores que desenvolveram a tecnologia da fissão do átomo. O monstruoso número de baixas em Hiroshima e Nagasaki por si só já é mais do que suficiente para repugnar a sua utilização, mesmo que o outro lado lute para se justificar com o argumento do éramos nós ou eles. Nesse caso, a categoria de quantidade, com seu número ininteligível, vence qualquer retórica baseada no discurso qualitativo. Mesmo se ignorarmos a discussão sobre o ponto de vista do estrondoso número de mortes, ainda

---

<sup>15</sup>LOTZE *apud* BENJAMIN, Walter. BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Trad. br. Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Morão. Belo Horizonte: Editora UFMG. São Paulo: Imprensa Oficial. 2006, p. 523.

<sup>16</sup>BENJAMIN, Walter. *Teorias do Fascismo Alemão*. In: Magia, Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas. Volume 1. Trad. br. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo, Brasiliense, 1985. P. 61.

podemos, entretanto, nos perguntar sobre as reais necessidades do uso da *atom bomb* em 1945<sup>17</sup>.

O nível de arbitrariedade do qual é capaz o ser humano nos leva a questionar a sua capacidade de utilizar de maneira responsável o tão orgulhoso de si mesmo progresso técnico-científico. A ciência, quando limitada ao progresso pelo progresso, esquece de se perguntar sobre os fins para os quais está sendo desenvolvida. Paródia do l'art pour l'art, o progresso pelo progresso não educa enquanto progresso. É preciso que ele possua por trás a teologia de que fala Benjamin. Esta não é a teologia cristã baseada no cânone, mas pura relação com o divino, isto é, com a totalidade. A ciência do more geometrico não pode existir por si, ignorante da convivência social. “Tudo o que foi pensado de puro, de sóbrio e de ingênuo sobre o melhoramento da convivência humana entra nas goelas desses ídolos canibais, que reagem a esse festim com os arrotos dos seus morteiros de 42cm<sup>18</sup>”. A guerra é um exemplo do que acontece “com esse monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem”<sup>19</sup>.

A separação do homem, como sujeito, e da natureza, como objeto, também possibilitou a dissociação de outros elementos de seu ambiente natural originário. É o caso da matéria que, ressignificada para o uso do homem, torna-se ferramenta. Esta, quando transformada, pode ser utilizada como instrumento para a subjugação tanto da natureza que lhe proveu, quanto do ser humano que a modificou. Com a alienação de sua origem o instrumento técnico se separa de seu passado como forma natural. A estranheza desse movimento dialético da técnica que se volta contra sua própria origem a fim de submetê-la é evidenciada por Walter Benjamin:

Quando e como os universos de formas que, sem a nossa interferência, surgiram na mecânica, no cinema, na construção de máquinas, na nova física etc., e que nos subjugaram, revelarão o que, neles, pertence à natureza? Quando será atingido o estado da sociedade em que essas formas, ou as que delas surgiram, revelar-se-ão para nós como formas naturais? De fato, isso evidencia apenas um momento na essência dialética da técnica. (É difícil dizer qual momento: a antítese se não for a síntese). De qualquer modo, também está presente na técnica um outro momento: o cumprimento de objetivos estranhos

---

<sup>17</sup> Sobre essa questão podemos citar Eric Hobsbawn: “The dropping of the atom bomb on Hiroshima and Nagasaki in 1945 was not justified as indispensable for victory, which was by then absolutely certain, but as a means of saving American soldiers’ lives. But perhaps the thought that it would prevent America’s ally the U.S.S.R from establishing a claim to a major part in Japan’s defeat was not absent from the minds of the U.S. government either”. HOBBSAWN, Eric. *The Age of Extremes: a history of the world, 1914 – 1991*. New York, Vintage Books, 1996, p. 27.

<sup>18</sup> BENJAMIN, Walter. *Teorias do Fascismo Alemão*. In: *Magia, Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras Escolhidas. Volume 1. Trad. br. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo, Brasiliense, 1985. P. 70.

<sup>19</sup> BENJAMIN, Walter. *Experiência e Pobreza*. In: *Magia, Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras Escolhidas. Volume 1. Trad. br. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo, Brasiliense, 1985, p. 115.

à natureza com meios que lhe são também estranhos e hostis, meios que se emancipam da natureza e a submetem<sup>20</sup>.

Elementos provenientes da natureza se separam desta para se tornarem meios a serviço do homem. A contradição está em considerar que é a própria natureza que se emancipa dela mesma. Transmutada em técnica, esta cumpre fins alheios à natureza mediante meios que a violentam e a subjugam. Indo um pouco além, se vislumbrarmos o ser humano como elemento da natureza que criou consciência racional de si, isto é, que é capaz de se reconhecer num espelho, a contradição se coloca com a pergunta de porque a própria natureza criou as condições para a sua auto-destruição.

A abordagem utilitária da natureza e do outro é característica do modelo do progresso que se manifesta historicamente em nossa sociedade técnica. Em *Sobre o Conceito da História*, há uma célebre passagem de Benjamin que tece uma reflexão sobre o progresso, quando na tese 9, o autor analisa um quadro do pintor Paul Klee:

Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso<sup>21</sup>.

O anjo de Paul Klee não tem a mínima chance contra a força da tempestade do progresso. Assim como em Adorno e Horkheimer, que percebem o movimento da razão esclarecida desde o “tempo mítico” do homem, o movimento do progresso sopra do paraíso em direção ao futuro, isto é, desde os tempos primevos da humanidade. Enquanto é impelido dando as costas ao futuro, o anjo olha aterrorizado para a catástrofe única do passado, um monstruoso amontoado de ruínas. Sua vontade é de parar para despertar os mortos do sonho do movimento causal historicista dos acontecimentos e para recolher, dos escombros do monte de ruínas que cresce até o céu, fragmentos que o ajudem a iniciar o lento processo de reconstrução da humanidade. A tempestade que sopra do paraíso o obriga, porém, a mover-se sempre para o futuro, onde, segundo ela, o melhor está a nossa espera.

---

<sup>20</sup>BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Trad. br. Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Morão. Belo Horizonte: Editora UFMG. São Paulo: Imprensa Oficial. 2006, p. 440.

<sup>21</sup>BENJAMIN, Walter. *Sobre o Conceito da História*. In: *Magia, Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras Escolhidas. Volume 1. Trad. br. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo, Brasiliense, 1985, p. 226.



Entretanto, o futuro nunca chega, ou deixaria de ser futuro. A parada onde acontece o agora da cognoscibilidade situa-se não no vindouro, mas no presente. “A imagem da felicidade é totalmente marcada pela época que nos foi atribuída pelo curso da nossa existência”<sup>22</sup>. Não podemos deixar que o progresso, travestido na fantasia da evolução necessária e progressiva da humanidade, nos moldes do historicismo, sobre indefinidamente as asas do anjo da história para cada vez mais longe do paraíso, impossibilitando-o de deter-se para contemplar e recolher os fragmentos do monte de ruínas. Ao reenviar para o seu projeto das passagens parisienses, Benjamin remete à questão do progresso:

Pode-se considerar um dos objetivos metodológicos deste trabalho demonstrar um materialismo histórico que aniquilou em si a ideia de progresso. Precisamente aqui o materialismo histórico tem todos os motivos para se diferenciar rigorosamente dos hábitos de pensamento burgueses. Seu conceito fundamental não é o progresso, e sim a atualização<sup>23</sup>.

Esse trecho se reporta à proposta benjaminiana da atualização do ocorrido. O movimento do progresso, em sua estrutura causal e linear, é recusado pelo método do materialismo histórico. Este se apercebe de que a ideia de causalidade e linearidade leva a uma interpretação da história que enaltece seus vencedores: o pensamento burguês, no caso. Com base nas intenções imanentes à linha de reflexão da burguesia, a conclusão histórica a que se chega é a de que vivemos um processo de evolução progressiva nas potencialidades humanas. Segundo o que se discutiu até aqui, esse progresso, entretanto, não necessariamente significa um avanço na organização da sociedade. A proposta de Benjamin de deixar que o ocorrido se apresente em uma imagem dialética (Dialektik im Stillstand) que irrompe descontinuamente no agora é a alternativa à abordagem progressiva da história. O ponto de vista dos vencedores é aniquilado com a afirmação de que o conceito fundamental do materialismo histórico é a atualização que rompe a cadeia causal da continuidade e, por consequência, o conformismo<sup>24</sup> que dela emana. Benjamin sustenta:

o conformismo, que sempre esteve em seu elemento na social-democracia, não condiciona apenas suas táticas políticas, mas também suas ideias econômicas. É uma das causas do seu colapso posterior. Nada foi mais corruptor para a classe operária alemã que a opinião de que ela nadava com a corrente. O

---

<sup>22</sup>BENJAMIN, Walter. *Sobre o Conceito da História*. In: *Magia, Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras Escolhidas. Volume 1. Trad. br. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo, Brasiliense, 1985, p. 222.

<sup>23</sup>BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Trad. br. Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Morão. Belo Horizonte: Editora UFMG. São Paulo: Imprensa Oficial. 2006, p. 502.

<sup>24</sup>A mesma causalidade presente no *more geometrico* manifesta-se no modo de pensar historicista. A linearidade abusiva adicionada a um olhar tecnicista do real pode resultar em uma postura conformista e, no nosso caso, em um breve gracejo: *a obra des cartes na época de sua reprodutibilidade técnica*: - Sento, logo, assisto.

desenvolvimento técnico era visto como o declive da corrente, na qual ela supunha estar nadando. Daí só havia um passo para crer que o trabalho industrial, que aparecia sob os traços do progresso técnico, representava uma grande conquista política<sup>25</sup>.

A corrente, na visão da época, cursava na direção do progresso técnico. Esse ponto de vista levava a crer que o trabalho industrial, como elemento desse modelo de progresso, significava uma grande conquista política. Assim, “a antiga moral protestante do trabalho, secularizada, festejava sua ressurreição na classe trabalhadora alemã”<sup>26</sup>. Com a ruptura da continuidade histórica, rompe-se também a orientação conformista segundo a qual bastaria deixar o tempo prosseguir em seu movimento retilíneo em direção ao juízo final que, com a ampliação das potencialidades humanas, evoluiríamos também politicamente. Segundo essa orientação, caberia à classe operária simplesmente a tarefa de dar prosseguimento ao trabalho na indústria, que ela estaria marchando na via de mão única do desenvolvimento técnico em direção a um futuro que não deixa de ser futuro.

Acreditar nessa via de mão única significa entregar a tarefa da revolução às mãos do messias que, no dia do julgamento, dará fim a todo o devir histórico. É preciso, ao contrário, agir na história, em vez de esperar o momento em que ela não mais existirá. “O reino de Deus não é o telos da *dunamis* histórica. Ele não pode ser posto como meta. Historicamente, ele não é uma meta, é um término<sup>27</sup>”.

### Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor W. HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1985.

BENJAMIN, Walter. *Experiência e Pobreza*. In: *Magia, Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras Escolhidas. Volume 1. Trad. br. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo, Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. *Fragment théologico-politique*. In: *Œvres I*. Trad. fr. Maurice de Gandillac, Rainer Rochlitz e Pierre Rusch. Paris: Gallimard, 2000.

---

<sup>25</sup>BENJAMIN, Walter. *Sobre o Conceito da História*. In: *Magia, Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras Escolhidas. Volume 1. Trad. br. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo, Brasiliense, 1985, p.227

<sup>26</sup>*Ibidem*.

<sup>27</sup>“Seul le messie lui-même achève tout devenir historique, em ce sens que seul il rachète, achève, crée la relation de ce devenir avec l'élément messianique lui-même. C'est pourquoi aucune réalité historique ne peut d'elle-même vouloir se rapporter au plan messianique. C'est pourquoi le royaume de Dieu n'est pas le *telos* de la *dunamis* historique; il ne peut être posé comme but. Historiquement, il n'est pas un but, il est un terme”. BENJAMIN, Walter. *Fragment théologico-politique*. In: *Œvres I*. Trad. fr. Maurice de Gandillac, Rainer Rochlitz e Pierre Rusch. Paris: Gallimard, 2000, p. 263.

\_\_\_\_\_. Origem do Drama Barroco Alemão. Trad. br. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo, Brasiliense, 1984.

\_\_\_\_\_. Trad. br. Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Morão. Belo Horizonte: Editora UFMG. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

\_\_\_\_\_. Sobre o Conceito da História. In: Magia, Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas. Volume 1. Trad. br. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo, Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. Teorias do Fascismo Alemão. In: Magia, Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas. Volume 1. Trad. br. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo, Brasiliense, 1985.

JÜNGER, Ernst. (Org). apud BENJAMIN, Walter. Teorias do Fascismo Alemão. In: Magia, Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas. Volume 1. Trad. br. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo, Brasiliense, 1985.

LOTZE apud BENJAMIN, Walter. BENJAMIN, Walter. Passagens. Trad. br. Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Morão. Belo Horizonte: Editora UFMG. São Paulo: Imprensa Oficial. 2006, p. 523.